

Dizer e ouvir

Mirna Spritzer (UFRGS)

GT Pedagogia do teatro & Teatro e educação

Palavras-chave – Ator, palavra, escuta, imaginação, experiência radiofônica

Dizer é reinventar o real. E ainda, falar é afirmar a palavra como acontecimento criativo. Como lembra Larrosa (2003, p.167), “quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como colocamos juntas as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos, e de como vemos ou sentimos o que nomeamos”.¹

A experiência da oralidade é uma vivência corporal e sensível para aquele que diz e para aquele que ouve. Conversar, contar histórias ou ler em voz alta para os outros, constituem um *dizer*, que para Bajard (1994), é a manifestação oral das palavras escritas ou não, mesmo mantendo as fronteiras do contar, ler em voz alta ou a fala teatral, por exemplo. *Dizer* inclui o gesto, a melodia das palavras, o olhar envolvente. Há um dizer no corpo. Um corpo palavra, portanto um corpo também no ouvir.

A escuta ocupa o espaço. Embora o som atue no tempo ele se apropria do espaço na medida em que o momento da escuta é um momento de familiaridade, um momento que para Barthes (1990) é a referência da casa, do território, é o que demarca os espaços em que existimos, em que convivemos com as pessoas. Para Humberto Maturana (2000, p.97), “a linguagem é uma maneira de vivermos juntos”.

Ler em voz alta, falar ao microfone ou contar histórias, são momentos em que a voz adquire o estatuto de um corpo que ocupa o espaço e se apropria do tempo. Ao ouvinte cabe a oportunidade de entregar ao outro a tarefa de conduzi-lo pela viagem da escuta. Todas elas experiências que propiciam a imaginação, tanto para quem fala como para quem escuta.

Há oralidade na narrativa radiofônica. Um dizer radiofônico. Embora vários estudos discutam a oralidade no rádio como já distante da oralidade primária, ainda assim, o foco na voz remete às experiências mais remotas.

A experiência da ficção radiofônica marca o espaço do rádio expressivo como um lugar para compartilhar a palavra que está entre o que fala e o que ouve e que é uma ponte para imaginação. Desta forma, ao nomear um *dizer radiofônico* quero incluir a fala expressiva da radiodramaturgia no mesmo grupo de outros *dizeres*, como contação de histórias, leitura em voz alta e a fala teatral, que esperam do ouvinte/espectador uma escuta expressiva. Uma escuta que busca não apenas uma informação, mas a ficção, a experiência criativa de ouvir e imaginar.

Entendo a experiência do dizer como algo que inclui o ouvir, que pressupõe o ouvinte e que propicia uma experiência compartilhada. Um momento em que ambos se tornam sujeitos, porque sua ação é efetiva, e objetos, pois são suas histórias, suas memórias e seus corpos que as palavras, os sons, o silêncio e os suspiros traduzem.

¹ Tradução nossa.

O dizer radiofônico marca a presença, o encontro entre o ator e o ouvinte através da voz. É a voz-corpo do ator que alça a condição de presença e ousa ser uma performance, um acontecimento no presente da transmissão. E a escuta do ouvinte, o deixar perpassar-se pela voz que é ouvida, estabelece a sua presença presumida na fala do ator. Ainda que não visual, a performance radiofônica se institui presença no momento do acontecimento da voz.

As incontáveis combinações que sons, silêncio, voz e efeitos sonoros podem produzir, fazem com que o ouvinte, ao recombina-las na sua experiência, produza uma obra única. Única e pessoal como a memória que se reconstrói na experiência da escuta. Memória que é fonte também para o narrador/ator/“ledor / “dizador”. “A memória é a mais épica de todas as faculdades”, lembra Benjamin (1994, p.210).

A voz de quem fala flutua na onda sonora do dizer e configura-se na imagem criada pela sensibilidade imaginativa do ouvinte. Sensibilidade esta manifesta no corpo que escuta.

Poderia, ainda, apropriar-me da idéia de Zumthor (1993, p.21) que prefere a expressão *vocalidade* ao invés de oralidade. Diz ele que vocalidade traz em si uma historicidade da voz e a trajetória do seu uso. A voz traz significados e palavras e, para além das palavras, incorpora sons. Na experiência radiofônica, é a forma de situar a ação de colocar na voz o texto, a intenção e o repertório do ator. Tornar voz tudo o que é tempo, corpo e espaço.

Deste modo, falar passa a ser a base do personagem e também a manifestação da sua existência radiofônica. Da mesma forma, o som, o efeito sonoro, quando trabalhado no exercício de criação das cenas, é o propulsor da ação sonora e na audição realimenta o personagem e a cena.

A escuta no exercício radiofônico torna-se também corpo, uma vez que é o contraponto da voz. Uma escuta criativa e ativa, seja na parceria da contracenação, entre os atores, seja na interlocução com o ouvinte. Contracenar no rádio, mostra-se uma ação de escuta sensível com todos os sentidos.

Deste modo, as experiências criativas do dizer e ouvir trazem em si a certeza de que há um compartilhar da imaginação e da memória que nos torna mais humanos na nossa humana capacidade da linguagem. Se aqui me detenho na linguagem verbal, quero incorporá-la, ou seja, lembrar que não há dizer sem corpo e nem ouvir descarnado. Reivindico então para o ator, a ventura e o privilégio de ter no corpo seu ofício criativo. O corpo fala na contação de histórias, no teatro, na leitura em voz alta e no rádio, dizendo e ouvindo.

Bibliografia:

BAJARD, Elie. **Ler e dizer**. São Paulo: Cortez, 1994

BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. (1982)

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas - Magia e Técnica, Arte e Política**. Vol 1. São Paulo: Brasiliense, 1994

LAROSSA, Jorge. **Entre las lenguas. Lenguaje y educación después de Babel**. Barcelona: Laertes, 2003

MATURANA, Humberto. Transdisciplinaridade e Cognição. In: BASARAB, Nicolescu et al
Educação e Transdisciplinaridade. Brasília: Edições UNESCO, 2000

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. São Paulo: Cia. da Letras, 1993